

MICHEL PÊCHEUX E MIKHAIL BAKHTIN: LEITURAS DO “CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL”

MICHEL PÊCHEUX AND MIKHAIL BAKHTIN: INTERPRETATIONS OF “COURSE IN GENERAL LINGUISTICS”

Edmundo Narracci Gasparini
Doutor em Linguística
Universidade Federal de São João Del-Rei
(gaspar@ufsj.edu.br)

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de discutir as leituras feitas por Michel Pêcheux (no texto “Análise Automática do Discurso”) e Mikhail Bakhtin (na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”) do “Curso de Linguística Geral”. Embora ambos os autores retomem elementos dos ensinamentos saussurianos presentes no “Curso” de forma a colocar em destaque a linguagem em sua relação com a história e as formações sociais, há contrastes significativos na reflexão que cada um deles faz sobre o “Curso”. A discussão realizada aqui permitiu vislumbrar, por um lado, uma proximidade significativa entre elementos do “Curso de Linguística Geral” e a teorização de Pêcheux em “Análise Automática do Discurso” e, por outro, ruptura entre as elaborações de Bakhtin em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” e o “Curso”.

Palavras-chave: Michel Pêcheux. Mikhail Bakhtin. Curso de Linguística Geral. Linguagem.

ABSTRACT: This article aims to discuss the interpretations of “Course in General Linguistics” achieved by Michel Pêcheux (in the text “Discourse Automatic Analysis”) and Mikhail Bakhtin (in the book “Marxism and the Philosophy of Language”). Although both authors pick up on elements from the Saussurian teachings in “Course in General Linguistics” to emphasize the language and its relationship with history and society formation, there are meaningful contrasts of interpretation that each one of them does about “Course”. In this article, the discussion allowed to discern, on the one hand, a closer meaningful between elements of “Course in General Linguistics”) and Pêcheux’s theorization in “Discourse Automatic Analysis”, and, on the other hand, this article indicates that Bakhtin’s elaborations in “Marxism and the Philosophy of Language” deviate from those in “Course in General Linguistics”.

Keywords: Michel Pêcheux. Mikhail Bakhtin. Course in General Linguistics. Language.

Introdução

A Análise do Discurso forjada por Michel Pêcheux e a produção teórica de Mikhail Bakhtin representam contribuições importantes para uma reflexão acerca da linguagem em sua relação com as formações sociais e a história. Na fundação da Análise do Discurso, Pêcheux (1997) coloca em destaque o campo do discurso como lugar de encontro da língua e das relações sociais de força. Bakhtin (2009), por sua vez, atribuindo à reflexão sobre a linguagem uma importância decisiva para o Materialismo Histórico, destaca o caráter social da enunciação, do ato de tomada da palavra.

Uma referência importante na produção teórica dos dois autores é a reflexão de Ferdinand de Saussure sobre a língua e a linguagem no “Curso de Linguística Geral”. Em “Análise Automática do Discurso”, Pêcheux estabelece princípios fundamentais para o campo da Análise do Discurso tomando como ponto de partida elementos das reflexões saussurianas presentes no “Curso”. Por sua vez, Bakhtin, no livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem”¹, faz uma discussão acerca da linguagem tecendo considerações sobre o “objetivismo abstrato”, uma corrente da filosofia da linguagem na qual se insere Saussure e o “Curso de Linguística Geral”.

É em relação à leitura feita por Pêcheux e Bakhtin do “Curso de Linguística Geral” que este artigo se estrutura. Se, por um lado, ambos os autores retomam as reflexões saussurianas para colocar em destaque a natureza social e histórica da linguagem, há por outro lado contrastes significativos na reflexão que cada um deles faz sobre o “Curso”. Discutir estes contrastes pode contribuir para um esclarecimento da especificidade da teorização de cada um dos autores.

Iniciaremos nossas considerações retomando elementos do “Curso de Linguística Geral” que consideramos relevantes para uma discussão sobre as leituras que Pêcheux e Bakhtin fazem da obra editada a partir dos ensinamentos de Saussure². Passaremos, em seguida, à discussão sobre a forma como cada um dos dois autores abordam o “Curso”.

Elementos do “Curso de Linguística Geral”

No “Curso de Linguística Geral”, encontramos uma delimitação do objeto de estudo da Linguística – a língua – dentro do registro multiforme da linguagem. Há no “Curso” a indicação de que a linguagem é heterogênea e, por isso, não pode se constituir como objeto de estudo científico:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio

¹ A edição utilizada para nossa reflexão, como pode ser visto nas Referências, é da editora Hucitec. Nessa edição, a tradução baseou-se, principalmente, em uma tradução francesa. Cabe mencionar aqui a existência de recente tradução da obra feita diretamente do russo, por Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo, publicada pela editora 34. Vale também destacar que, segundo indicação do parecerista do presente artigo, a obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” foi atribuída a Mikhail Bakhtin durante muito tempo, mas que é consenso hoje que a autoria é de Valentin Voloshinov. Agradecemos ao parecerista pela indicação.

² O “Curso de Linguística Geral” foi editado após a morte de Saussure com base em anotações feitas em cursos oferecidos pelo linguista na Universidade de Genebra.

social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1974, p. 17)

Por sua vez, a língua é, segundo encontramos no “Curso”, homogênea. Ela pode se constituir como objeto de estudo de um campo científico:

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, 1974, p. 17).

Saussure indica que a língua é social, pois só tem existência numa massa falante. Corresponde a um tesouro depositado pela fala nos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 1974, p. 21). Se a língua é social, pois só tem existência numa massa falante, a fala, por seu turno, é individual, isto é, corresponde às manifestações individuais do sistema virtual. Há no “Curso” a indicação de que a fala corresponde a um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22), à parte da linguagem da qual “o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 1974, p. 21).

Importante na reflexão desenvolvida no “Curso de Linguística Geral” é a indicação de que, entre língua e fala, há uma relação de interdependência:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência entre a língua e a fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente diferentes (SAUSSURE, 1974, p. 27).

Portanto, se por um lado é possível dizer que **não há língua sem fala**³, pois “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna”, é também possível afirmar que **não há fala sem língua** – isto é, a fala encontra-se na estrita dependência da língua como sistema: só se pode falar a partir das possibilidades fornecidas pelo sistema linguístico. Assim, se por um lado encontramos no “Curso” a ideia de que a fala é “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22), ou ainda a parte da linguagem da qual “o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 1974, p. 21), acreditamos que o conceito de fala não está integralmente subsumido à perspectiva de uma liberdade individual, uma vez que se leva em conta que não há fala sem língua, que se fala sempre a partir das possibilidades oferecidas pelo sistema.

A esse respeito, torna-se relevante a indicação feita por Lemos (1995) segundo a qual o indivíduo saussuriano “está sempre sujeito a um funcionamento da língua” (LEMOS, 1995, p. 15). Portanto, a relação do falante com a língua está sempre em cena, isto é, não há fala que não se desdobre em estrita consonância com a “ordem própria” (SAUSSURE, 1974, p. 31) da língua. Retomaremos esta questão em nossa discussão sobre as leituras feitas por Pêcheux e Bakhtin do “Curso de Linguística Geral”.

Fundamental no “Curso” é a ideia de que a língua é um sistema de valores puros: um elemento na língua só assume valor a partir da relação com outros elementos. A noção de valor indica que é uma grande ilusão considerar um elemento linguístico simplesmente como a união de um significante e de um significado⁴. Isso implicaria em “isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (SAUSSURE, 1974, p. 132). É nesse sentido que, segundo encontramos no “Curso”, a língua é **“uma forma, não uma substância”** (SAUSSURE, 1974, p. 131, destaque do autor).

³ Entretanto, no caso das línguas mortas, que não se constituem como língua materna para nenhum falante, é possível dizer que há língua sem fala. De acordo com o “Curso”, “Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico” (SAUSSURE, 1974, p. 22-23).

⁴ No “Curso de Linguística Geral”, o signo linguístico é definido como a união de um significante (ou imagem acústica) e um significado (o conceito).

Vislumbra-se aqui, portanto, a estrutura de um sistema linguístico⁵, estrutura que é constituída pelas relações diferenciais entre elementos da língua. De acordo com o "Curso de Linguística Geral", a língua "não pede mais que a diferença" (SAUSSURE, 1974, p. 138). A esse respeito, importa dizer que o valor linguístico se relaciona ao fato de que a língua, segundo Saussure, não é uma nomenclatura⁶: a língua não se sustenta numa relação com a coisa no mundo, mas nas relações diferenciais entre seus elementos.

Em relação a essa questão, ganha relevância a ideia de que a língua não pode se equiparar a um simples contrato livremente estabelecido: "a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida" (SAUSSURE, 1974, p. 85). Vislumbramos mais uma vez a estrutura, a língua como algo que se suporta, escapando seja à vontade individual, seja à vontade coletiva, isto é, escapando a qualquer tipo de "consentimento" (do indivíduo ou da própria massa falante). Nesse sentido,

nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre reconhecer como tal. Eis porque a questão da origem da linguagem não tem a importância que geralmente se lhe atribui. Tampouco se trata de uma questão a ser proposta; o único objeto real da Linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído (SAUSSURE, 1974, p. 86).

A língua, portanto, é um **sempre já aí** que cumpre reconhecer como tal. Eis porque, de acordo com a argumentação desenvolvida no "Curso", a questão da origem da linguagem não tem relevância, uma vez que se leva em conta que a estrutura da língua está **sempre já presente** como "um produto herdado de gerações anteriores". Esse ponto torna-se relevante para a discussão que fazemos aqui, pois há tanto na teorização de Pêcheux (1997) quanto na de Bakhtin (2009), como veremos adiante, elementos que colocam em cena a perspectiva de um **sempre já aí** da linguagem, e que promovem uma ruptura com uma questão sobre a origem.

⁵ Deve-se dizer, junto a Benveniste, que "Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra **estrutura**" (BENVENISTE, 2005, p. 98, destaque do autor). A despeito disso, "Chamou-se a Saussure, com razão, o precursor do estruturalismo moderno" (BENVENISTE, 2005, p. 98).

⁶ Segundo encontramos no "Curso", "Para certas pessoas, a língua [...] é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. [...] Tal concepção é criticável em numerosos aspectos" (SAUSSURE, 1974, p. 79).

Passemos agora à discussão sobre os elementos do "Curso de Linguística Geral" que estão presentes na teorização de Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin. Fundamentaremos nossa discussão nos textos "Análise Automática do Discurso", de Pêcheux, e "Marxismo e Filosofia da Linguagem", de Bakhtin.

Pêcheux e o “Curso”

Em “Análise Automática do Discurso”, texto considerado fundador da teoria que configura o discurso como objeto de estudo, Pêcheux (1997) declara que, até o “Curso de Linguística Geral”, estudar uma língua correspondia a estudar textos. As perguntas feitas sobre um texto eram perguntas acerca das ideias nele contidas, assim como acerca da adequação do texto às normas da língua. Conforme Pêcheux (1997), o “Curso” opera um importante deslocamento conceitual, a língua passando a ser abordada em seu **funcionamento** de sistema e deixando de ser abordada em sua **função** de expressar o sentido. É, portanto, impossível que o texto se configure como objeto da Linguística, uma vez que é a língua que **funciona**, e não o texto. De acordo com Pêcheux, o deslocamento saussuriano aponta para o fato de que “o que funciona é a **língua**, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto” (PÊCHEUX, 1997, p. 62, destaques do autor).

Contudo, Pêcheux não deixa de indicar que a questão abandonada quando a língua é delimitada como objeto de estudo – isto é, uma questão sobre o texto e seu sentido – não deixa de insistir em se fazer ouvir: “Que significação contém esse texto?”. A esse respeito, pode-se dizer que a Análise do Discurso fundada por Pêcheux se configura como uma resposta a uma questão sobre o sentido que, abandonada com o estabelecimento da língua como objeto de estudo, insiste em se fazer ouvir.

Pêcheux (1997) se detém sobre a oposição entre a língua e a fala elaborada no “Curso de Linguística Geral”, e indica que essa oposição autoriza o comparecimento do falante como unidade de intenções conscientes: a fala saussuriana seria “um **caminho da liberdade humana**” (PÊCHEUX, 1997, p. 71, destaque do autor). De acordo com o Pêcheux, portanto, a reaparição do “conceito

filosófico de sujeito livre” (PÊCHEUX, 1997, p. 71) no “Curso” seria um resíduo decorrente da oposição entre a língua e a fala.

Em contraposição à argumentação de Pêcheux, importa dizer que, como indicamos acima, se de fato a fala comparece no “Curso de Linguística Geral” como “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22), como a parcela da linguagem da qual “o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 1974, p. 21), o conceito de fala no “Curso” não está integralmente subsumido à perspectiva de uma liberdade individual. Nesse sentido, embora seja relevante para Pêcheux, ao estabelecer o objeto discurso, questionar a perspectiva de uma liberdade individual – pois o conceito de discurso implica em um questionamento da ideia de que o indivíduo é livre em seu dizer e nos sentidos que coloca em cena –, acreditamos que configurar a fala saussuriana como um “caminho da liberdade humana” não deixa de se presentificar como um impasse no percurso teórico de Pêcheux⁷.

O estabelecimento do discurso como objeto de estudo colocará em destaque a língua em sua relação com as condições de produção do discurso, noção amplamente utilizada no âmbito dos estudos discursivos. Segundo Pêcheux, “um discurso é sempre pronunciado a partir de **condições de produção** dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor). Embora tais condições refiram-se, num sentido mais restrito, ao “contexto” ou à “situação” de uso da linguagem, elas remetem também, de forma mais ampla, aos lugares ocupados pelos interlocutores na estrutura de uma formação social.

Tomando como exemplo o discurso proferido por um deputado na Câmara, Pêcheux critica a ideia de que tal discurso seria da ordem de uma “liberdade do falante”. Pêcheux destaca que aquilo que esse deputado diz se situa “no interior da **relação de forças** existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor), correspondendo a “um certo **lugar** no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor). É colocando em destaque as condições de produção do discurso que Michel Pêcheux anuncia, no final dos anos 60, a “mudança de terreno” (PÊCHEUX, 1997, p. 73) em

⁷ A esse respeito, vale mencionar os trabalhos de Gasparini (2016), Cruz (2006) e Baronas e Sargentini (2007), nos quais encontramos elementos que permitem problematizar a ideia, proposta por Pêcheux (1997), de que a fala saussuriana seria um reduto da liberdade individual.

relação à Linguística, mudança de terreno que faria incidir na Linguística conceitos a ela exteriores.

Indicamos acima que, de acordo com Pêcheux, Saussure opera um deslocamento conceitual fundamental ao instituir a língua como objeto de estudo, deslocamento que parte da **função** da língua (de expressar o sentido) em direção ao seu **funcionamento** como sistema. Acreditamos que Pêcheux opera um deslocamento similar ao fundar o campo da Análise do Discurso, pois colocará em destaque o **funcionamento do discurso** a partir das relações de força constitutivas de uma formação social. Para Pêcheux, o ato de tomada da palavra, mais do que se configurar como uma “transmissão de informações” entre locutores, colocará em cena “um 'efeito de sentidos'” (PÊCHEUX, 1997, p. 82) entre locutores, efeito este referido a um funcionamento que está na dependência da posição dos interlocutores no jogo de relações sociais. Em nossa leitura, é possível entrever na fundação da Análise do Discurso por Pêcheux uma **atualização** do deslocamento conceitual saussuriano: Pêcheux, assim como Saussure, promove um significativo deslocamento conceitual no campo dos estudos da linguagem. No caso de Pêcheux, se trata de um deslocamento da **função** da língua (de “transmitir informações”) para o seu **funcionamento** como discurso.

É também importante destacar que, segundo Pêcheux, o discurso corresponde a um nível intermediário entre a língua e a fala assim como abordadas no “Curso”. De acordo com Pêcheux,

parece indispensável colocar em questão a identidade implicitamente estabelecida por Saussure entre o **universal** e o **extra-individual**, mostrando a possibilidade de definir um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade, a saber, o nível da **particularidade** que define “contratos linguísticos” específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros (PÊCHEUX, 1997, p. 73-74, destaques do autor).

Pêcheux indica que há em Saussure uma identidade implicitamente estabelecida entre o universal e o extra individual. O que Pêcheux sugere é que no “Curso de Linguística Geral” a língua (o “universal” para uma determinada massa falante) é identificada com o extra individual, isto é, a língua é exterioridade em relação à fala individual. Para Pêcheux, entretanto, há ainda uma outra instância “extra individual” – o nível da **particularidade** do discurso. Em outras palavras, para além

da língua (como elemento extra individual) e da fala (como registro da singularidade individual), há o nível intermediário do discurso. O discurso, instância do particular, inserindo-se entre o universal da língua (para uma determinada comunidade falante) e o singular da fala, coloca em cena “um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, [...] correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

O funcionamento da instância particular do discurso está referido, portanto, aos lugares ocupados pelos interlocutores no interior de uma formação social. Na discussão que fazemos aqui, importa indicar que Pêcheux preserva as instâncias da língua e da fala assim como delineadas no “Curso de Linguística Geral”. Teremos a oportunidade de identificar, a esse respeito, um importante contraste com a argumentação de Bakhtin acerca da dicotomia saussuriana língua-fala.

Relevante para a discussão que fazemos aqui é a ideia de que, segundo Pêcheux, um discurso remete sempre às relações de sentido nas quais é produzido:

[um] discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso sempre se conjuga sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Identificamos aqui um elemento que pode também ser vislumbrado no “Curso de Linguística Geral”. Como vimos, o “Curso” coloca em cena a ideia de que a língua é **sempre um já aí** que cumpre reconhecer como tal. É por isso que a questão da origem da linguagem não tem importância: a estrutura da língua está sempre já presente como “um produto herdado de gerações anteriores” (SAUSSURE, 1974, p. 86). Pêcheux compartilha com Saussure a ideia de um elemento **sempre já aí**: para Saussure se trata da estrutura do sistema linguístico, ao passo que para Pêcheux se trata de que estamos sempre já na presença do discurso, uma vez que um discurso necessariamente remete a outro. Eis porque, segundo Pêcheux, “o processo discursivo não tem, de direito, início” (PÊCHEUX, 1997, p. 77). Vislumbra-se aqui, portanto, um elemento em que a teorização de Pêcheux sobre o discurso se aproxima da teorização sobre a língua no “Curso de Linguística Geral”.

Por fim, resta destacar que em “Análise Automática do Discurso” Pêcheux discute o conceito de processo discursivo, isto é, o conjunto dos mecanismos que produzem um discurso em condições de produção dadas. Em sua discussão, Pêcheux

tece considerações sobre o "efeito metafórico", ou seja, sobre o efeito de sentido que se produz através da substituição entre elementos da língua no âmbito de um processo discursivo. A argumentação de Pêcheux indica que um processo discursivo como matriz semântica autoriza determinadas substituições significantes. Segundo Pêcheux, para que seja possível abordar o processo discursivo,

é fundamentalmente necessário dispor de uma série de sequências representativas de um Γ x dado [um estado das condições de produção] para poder colocar em evidência os pontos de ancoragem semântica que se definem pelo recorte das metáforas (PÊCHEUX, 1997, p. 96).

De acordo com Pêcheux, portanto, é necessário dispor de uma série de sequências discursivas para que, no trabalho de análise, seja possível identificar o "recorte das metáforas", o que colocaria em evidência os "pontos de ancoragem semântica" que definem um processo discursivo. O que interessa destacar da discussão feita por Pêcheux é o caráter **relacional** de sua abordagem: no processo discursivo, o elemento fundamental é a relação estabelecida entre determinados elementos da língua, relação que é constitutiva do sentido. O efeito de sentido entre locutores se produz na relação entre significantes no âmbito de um processo discursivo, processo que corresponde a um estado dado das condições de produção do discurso.

Ora, em nossa discussão sobre o "Curso de Linguística Geral", vimos que a estrutura do sistema linguístico é constituída pelas relações diferenciais entre seus elementos – a língua não pede senão a diferença, como indicamos acima. Assim, um elemento do sistema só assume valor a partir da relação com outros elementos. Acreditamos que a discussão feita por Pêcheux (1997) sobre o processo discursivo contém um elemento que se aproxima das elaborações saussurianas sobre o valor linguístico. A esse respeito, não é sem importância destacar a seguinte expressão, utilizada por Pêcheux em "Análise Automática do Discurso": "**estrutura** definida dos processos de produção do discurso a partir da língua" (PÊCHEUX, 1997, p. 79, grifo nosso). Na argumentação de Pêcheux, portanto, o processo discursivo, correspondendo a um estado dado das condições de produção, pode ser tomado como estrutura na qual o elemento fundamental é a relação entre significantes, constitutiva do sentido.

Passemos agora à discussão sobre os elementos recolhidos do "Curso de Linguística Geral" por Bakhtin na obra "Marxismo e Filosofia da Linguagem".

Bakhtin e o "Curso"

Em "Marxismo e Filosofia da Linguagem", Bakhtin propõe-se a abordar o "problema da **natureza real dos fenômenos linguísticos**" (BAKHTIN, 2009, p. 27, grifos do autor). Com esse propósito em vista, Bakhtin discute duas orientações do pensamento filosófico-linguístico: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Interessam-nos aqui as elaborações de Bakhtin sobre o objetivismo abstrato, uma vez que é nessa orientação que se insere Ferdinand de Saussure, "a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato em nosso tempo" (BAKHTIN, 2009, p. 86-87).

Bakhtin indica que na perspectiva do objetivismo abstrato o centro organizador de todos os fatos da língua – o que faz dela objeto de estudo científico – encontra-se no sistema linguístico, isto é, no "**sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua**" (BAKHTIN, 2009, p. 79, destaque do autor). Nessa perspectiva, segundo Bakhtin, em cada enunciação, isto é, em cada ato de fala,

encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços **idênticos**, que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade (BAKHTIN, 2009, p. 79, destaques do autor).

De acordo com Bakhtin, na visada do objetivismo abstrato as particularidades individuais de um ato de fala não apresentam nenhum interesse. O que é essencial é a "identidade normativa das formas linguísticas" (BAKHTIN, 2009, p. 80). Nessa perspectiva, o sistema linguístico tem, segundo Bakhtin, um caráter normativo: o elemento essencial refere-se à conformidade das diferentes concretizações individuais do sistema à norma imposta pela língua, norma que é, na leitura de Bakhtin, eterna, imutável. O sistema é, segundo Bakhtin, um "sistema de formas normativas" (BAKHTIN, 2009, p. 84). Nas palavras do autor: "só existe um critério linguístico: está certo ou errado; além do mais, por correção linguística deve-se entender apenas a conformidade a uma dada norma do sistema normativo da língua" (BAKHTIN, 2009, p. 81).

Quando se refere a Ferdinand de Saussure, que “deu a todas as ideias da segunda orientação [o objetivismo abstrato] uma clareza e uma precisão admiráveis” (BAKHTIN, 2009, p. 87), Bakhtin refere-se à distinção entre língua, fala e linguagem traçada no “Curso de Linguística Geral”. O autor retoma a argumentação saussuriana segundo a qual a linguagem não poderia ser o objeto da Linguística, pois ela é compósita, heterogênea; só a língua poderia se configurar como objeto de estudo científico.

Contudo, Bakhtin insiste no fato de que, na visada saussuriana, “é indispensável partir da língua como **sistema de formas cuja identidade se refira a uma norma** e esclarecer todos os fatos de linguagem com referência a suas formas estáveis e autônomas (auto regulamentadas)” (BAKHTIN, 2009, p. 89, destaques nossos). Em sua reflexão, Bakhtin cita uma passagem do “Curso” que faz referência à língua como norma:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: **é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem**. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito (SAUSSURE, 1974, p. 16-17, destaques do autor).

No “Curso”, essa afirmação é feita no contexto de uma delimitação da língua face ao caráter heterogêneo e multiforme da linguagem. A linguagem é, ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica, pertencendo também ao domínio individual e coletivo. Segundo encontramos no “Curso”, a linguagem “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, 1974, p. 17). Por sua vez, a língua “é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação” (SAUSSURE, 1974, p. 17).

Acreditamos que é dentro da perspectiva de atribuir à língua “o primeiro lugar entre os fatos da linguagem” que ela é tomada como “norma de todas as outras manifestações da linguagem”. Em nossa leitura, tomar a língua como norma das outras manifestações da linguagem refere-se à proposta de abordar o fenômeno heterogêneo da linguagem através de um estudo da língua. Ademais, e contrapondo-nos à leitura de Bakhtin, acreditamos que o “Curso de Linguística Geral” não coloca

em cena um caráter normativo da língua, como se o sistema fornecesse um critério de julgamento sobre a “correção” ou “incorreção” daquilo que se enuncia. Entre a língua como “norma” (para as outras manifestações da linguagem) e a língua como “sistema normativo” há uma enorme distância, em nossa leitura. A perspectiva em que se situa o “Curso” não é a mesma da Gramática como “disciplina normativa”, como fica indicado nas linhas iniciais do “Curso de Linguística Geral”⁸.

A teorização proposta em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” destacará a qualidade de processo como sendo aquilo que faz da língua um fenômeno social. Para Bakhtin, a língua não coloca em cena um sistema de normas imutáveis, mas sim “a evolução ininterrupta das normas da língua” (BAKHTIN, 2009, p. 93). A língua apresenta-se, segundo o autor, “como uma corrente evolutiva ininterrupta” (BAKHTIN, 2009, p. 93). Bakhtin afirma que “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto” (BAKHTIN, 2009, p. 96). Nessa perspectiva, a forma linguística não tem importância como sinal estável e sempre igual a si mesmo, “mas somente enquanto signo sempre variável e flexível” (BAKHTIN, 2009, p. 96). Na prática viva da língua, afirma Bakhtin, a forma é orientada pelo contexto, constituindo-se sempre como signo variável e flexível. Nas palavras de Bakhtin,

a forma linguística [...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. **A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial** (BAKHTIN, 2009, p. 98-99, destaques do autor).

Para Bakhtin, portanto, um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato é “A separação da língua de seu conteúdo ideológico” (BAKHTIN, 2009, p. 99). Entretanto, a crítica de Bakhtin a Saussure não se restringe à língua, estende-se também à fala. A esse respeito, Bakhtin faz uma afirmação importante para a discussão realizada aqui: “Destaquemos esta tese fundamental de Saussure: a língua se opõe à fala como o social ao individual. A fala é, assim, absolutamente individual.

⁸ Na Introdução do “Curso”, apresenta-se uma visão geral da história da Linguística. A “Gramática”, primeira fase da história traçada no “Curso”, seria uma disciplina que “visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa” (SAUSSURE, 1974, p. 7).

Nisto consiste, como veremos, o *proton pseudos*⁹ de Saussure e de toda tendência do objetivismo abstrato” (BAKHTIN, 2009, p. 89). Bakhtin indica que a enunciação, o ato de fala, é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, ou seja, “é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN, 2009, p. 126).

Pode ser relevante, contudo, retomar a ideia, mencionada em nossa leitura do “Curso de Linguística Geral”, de que entre língua e fala há uma relação de interdependência. Como indicamos em nossa discussão sobre o “Curso”, a fala encontra-se na estrita dependência da língua, pois não há fala que não se desdobre em estrita consonância com o sistema linguístico. Levar em conta que o indivíduo saussuriano “está sempre sujeito a um funcionamento da língua” (LEMOS, 1995, p. 15), ou que a relação do falante com a língua está sempre em cena, nos permitiria problematizar a ideia de que, segundo Bakhtin, “A fala [saussuriana] é [...] **absolutamente** individual” (BAKHTIN, 2009, p. 89, destaque nosso)? No “Curso”, a fala é configurada como individual, mas uma vez que se leva em conta sua dependência em relação à língua, a ideia de uma “individualidade absoluta” da fala fica confrontada com um impasse?

Ao final de sua interrogação sobre a natureza da linguagem, Bakhtin indica que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...], mas pelo fenômeno social da **interação verbal**, realizada através da **enunciação** ou das **enunciações**. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2009, p. 127, destaques do autor).

Portanto, segundo Bakhtin a realidade fundamental da língua é a enunciação, o ato de fala socialmente dirigido e que tem sua forma inteiramente definida pelo contexto social. E, segundo o autor, “o que falta à linguística contemporânea é uma abordagem da enunciação em si” (BAKHTIN, 2009, p. 129). Para Bakhtin, a língua como sistema estável seria uma abstração científica que serve apenas a alguns fins

⁹ A “primeira mentira”, como esclarece Bakhtin (2009, p. 113).

teóricos e práticos. Conforme o autor, “Essa abstração não dá conta de maneira adequada da **realidade concreta** da língua” (BAKHTIN, 2009, p. 132, grifos do autor).

Nota-se que a dicotomia saussuriana língua-fala, a delimitação da língua e da fala no “Curso de Linguística Geral”, é desconstruída por Bakhtin a favor da ideia de que a substância verdadeira da língua é a enunciação, o ato de fala como produto da interação social. Se de acordo com o “Curso” deve-se distinguir a língua (social) da fala (individual), em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” desaparece a dicotomia língua-fala assim como construída no “Curso” e desponta a ideia de que a língua se constitui, fundamentalmente, da interação verbal como “um fenômeno puramente sociológico” (BAKHTIN, 2009, p. 131).

Em sua discussão sobre a enunciação, Bakhtin inclui um elemento que é relevante para a discussão realizada neste artigo. Segundo o autor,

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN, 2009, p. 101).

Tal afirmação indica que um ato de tomada da palavra não é senão um elo na cadeia da enunciação, uma vez que se trata sempre de uma resposta a alguma coisa. Um ato de fala, como Bakhtin indica, prolonga os atos que o precederam. A ideia de elo numa cadeia está também em cena quando o autor afirma que “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma **fração** de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN, 2009, p. 128, destaques do autor).

O ponto que gostaríamos de destacar refere-se à ideia de uma corrente ininterrupta de comunicação verbal. Segundo Bakhtin, “O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, **não tem começo nem fim**” (BAKHTIN, 2009, p. 129, destaques nossos). Ora, seria possível identificar aqui um elemento que se aproxima da ideia, proposta no “Curso de Linguística Geral”, da estrutura da língua como um **sempre já aí**? Em nossas considerações sobre o “Curso”, destacamos que a língua é sempre “um produto herdado de gerações anteriores” (SAUSSURE, 1974, p. 86), e que cumpre reconhecer como tal. Por isso, a questão da origem da linguagem não tem importância. Por sua vez, Bakhtin indica que o processo de fala, processo

ininterrupto, não tem começo ou fim. Vislumbramos aqui um ponto em que a teorização de Bakhtin se aproxima da argumentação desenvolvida no "Curso", qual seja, a existência de um elemento sempre já aí: para Saussure, se trata da estrutura da língua, enquanto que para Bakhtin se trata da cadeia ininterrupta dos atos de fala.

Em relação a esse ponto, vale lembrar que, em nossa discussão sobre a teorização de Pêcheux em "Análise Automática do Discurso", vislumbramos no conceito de discurso um elemento que também se aproxima da ideia de um sempre já aí proposta no "Curso": o discurso sempre remete a outros discursos, e por isso, segundo Pêcheux, o processo discursivo não tem, a rigor, início. A perspectiva de um sempre já da linguagem é, portanto, um elemento em que se aproximam as elaborações de Saussure, Pêcheux e Bakhtin.

Considerações finais

Em nossa discussão sobre as leituras feitas por Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin do "Curso de Linguística Geral", é importante destacar que a retomada do "Curso" em "Análise Automática do Discurso" se situa dentro da proposta de Pêcheux, no fim dos anos 60, de fornecer um instrumento científico para o campo das ciências sociais¹⁰. Por sua vez, a discussão feita por Bakhtin acerca de Saussure e do objetivismo abstrato situa-se no contexto de uma reflexão sobre a linguagem, reflexão que, segundo Bakhtin, teria uma importância decisiva para o campo do Marxismo.

A discussão realizada neste artigo permitiu vislumbrar uma proximidade significativa entre elementos do "Curso de Linguística Geral" e a teorização de Pêcheux em "Análise Automática do Discurso". A atualização do deslocamento conceitual saussuriano da função da língua (de expressar o sentido) em direção a seu funcionamento, a manutenção das instâncias da língua e da fala (assim como delineadas no "Curso") no estabelecimento do objeto discurso, a ideia de um sempre já aí do discurso (aproximando-se da indicação do "Curso" a respeito de um sempre já aí da língua) e o conceito de processo discursivo como estrutura são elementos que nos permitem entrever uma proximidade entre elementos do "Curso de Linguística Geral" e do texto "Análise Automática do Discurso". Apesar da crítica de Pêcheux à noção de fala no "Curso", acreditamos ser possível dizer que Pêcheux (1997) se

¹⁰ A esse respeito, vale conferir a argumentação de Henry (1997), que contextualiza a publicação de "Análise Automática do Discurso" por Michel Pêcheux.

mantém em estrita consonância com elementos dos ensinamentos de Ferdinand de Saussure.

Por sua vez, nossa discussão permitiu que fosse vislumbrada uma ruptura ¹¹ entre as elaborações de Bakhtin em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” e alguns elementos do “Curso de Linguística Geral”. Como vimos, Bakhtin se desfaz da dicotomia língua-fala estabelecida por Saussure, e indica que a verdadeira substância da língua é a enunciação, o ato de fala como produto da interação social. A ruptura em relação ao “Curso” se mostra também na crítica, feita por Bakhtin (e questionada neste artigo), de que a língua saussuriana teria um caráter normativo. A despeito do distanciamento em relação ao “Curso”, as elaborações de Bakhtin em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” incluem um elemento que se aproxima das elaborações saussurianas: a linguagem como um sempre já aí. Se no “Curso” se trata da estrutura da língua, as elaborações de Bakhtin colocarão em cena a enunciação como um sempre já aí, a cadeia ininterrupta dos atos de fala, processo sem início ou fim.

Em sua retomada das considerações feitas por Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin sobre o “Curso de Linguística Geral”, o presente artigo pretende contribuir para uma discussão acerca da especificidade das teorizações dos dois autores. Se tanto Pêcheux quanto Bakhtin abordam a linguagem de forma a colocar em destaque sua articulação com a história e as formações sociais, eles não o fazem da mesma maneira.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. 203 p.

BARONAS, R. L.; SARGENTINI, V. M. O. O Curso de Linguística Geral: apontamentos de uma leitura da Análise do Discurso. **Revista do GEL**, S. J. do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 43-52, 2007.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. 387 p.

¹¹ Gostaríamos de incluir aqui um comentário feito pelo parecerista do presente artigo acerca das críticas a Saussure feitas em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, comentário que contribui para a contextualização de tais críticas. Segundo o parecerista, era prática recorrente na União Soviética que as obras acadêmicas tecessem críticas a autores provenientes do Ocidente, o que seria, inclusive, avaliado para eventual aprovação da obra pelos comitês do governo. Agradecemos ao parecerista pela valiosa contribuição.

CRUZ, M. A. **O saussurismo e a escola francesa de Análise de Discurso: ruptura ou continuidade?** 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

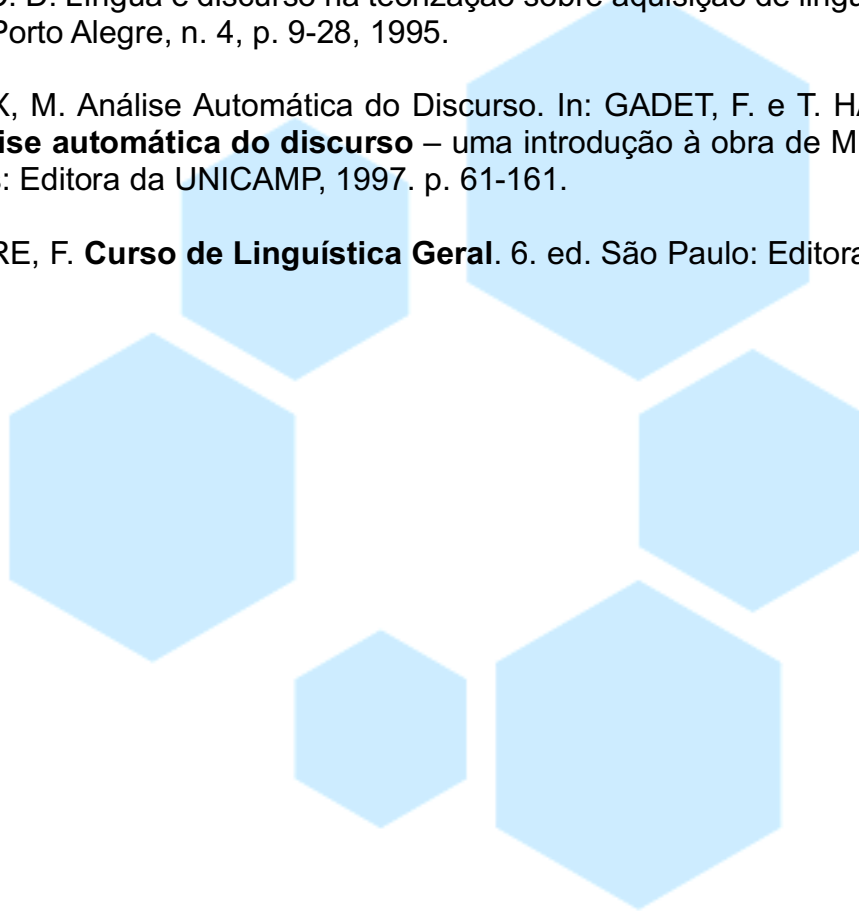
GASPARINI, E. Sobre a fala no Curso de Linguística Geral: um caminho da liberdade humana? **Prolíngua**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 61-71, 2016.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e T. HAK (Org.) **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 13-36.

LEMOS, C. D. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de hoje**, Porto Alegre, n. 4, p. 9-28, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. e T. HAK (orgs.) **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. 279 p.



Recebido em 03 de junho de 2017
Aprovado em 20 de novembro de 2017